

Lélia Gonzalez, uma linguista popular atemporal: pretuguês, amefricanidade e saberes sobre a língua

Lélia Gonzalez, a timeless popular linguist: 'Pretuguês', Amefricanity, and knowledge about language

Terezinha Ferreira de Almeida¹, Nayhara Juliana Aniele Pereira Thiers Vieira²

Resumo: O presente estudo se inscreve no campo da Linguística Popular, numa visada integracionista, tendo como objeto de estudo as intervenções *folk* de Lélia Gonzalez, importante intelectual brasileira com formação no campo das humanidades e ativista dos direitos das mulheres negras. De acordo com a categorização de Paveau (2018) por coeficiente, as contribuições de Lélia Gonzalez no campo das linguagens a caracterizam como cientista não linguista. Fruto de seu ativismo nas causas de gênero e raça, as contribuições de Lélia extrapolam as causas libertárias e reverberam no campo da linguística ao propor o conceito do 'pretuguês', apontando as contribuições africanas na constituição da língua portuguesa brasileira.

Palavras-Chave: Linguística Popular; Lélia Gonzalez; Pretuguês; Amefricanidade; Racismo linguístico.

¹Terezinha Ferreira de Almeida. Doutora em Estudos de Linguagem - Professora EBTT de Língua Portuguesa, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso - IFMT / Pós-Doutoranda pelo PPGL Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. ORCID 0000-0003-0305-8331 - terezinha.almeida@ifmt.edu.br

² Nayhara Juliana Aniele Pereira Thiers Vieira. Mestra em Letras. Técnica em Assuntos Educacionais - TAE, Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG / Doutoranda pelo PPGL - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. ORCID: 0000-0003-2756-5944. nayharajaptvl@gmail.com

Abstract: *This study falls within the field of Popular Linguistics, from an integrationist perspective, focusing on the folk interventions of Lélia Gonzalez, an important Brazilian intellectual with a background in the humanities and an activist for the rights of Black women. According to Paveau's (2018) categorization by coefficient, Lélia Gonzalez's contributions to the field of languages characterize her as a non-linguist scientist. As a result of her activism in gender and race issues, Lélia's contributions extend beyond libertarian causes and resonate in the field of linguistics by proposing the concept of 'Pretuguês', highlighting African contributions to the constitution of the Brazilian Portuguese language.*

Keywords: *Folk Linguistics; Lélia Gonzalez; 'Pretuguês'; Amefricanity; Linguistic racism.*

Para início de conversa

Este trabalho se inscreve no campo da Linguística Popular, numa visada integracionista, tendo como objeto de estudo as contribuições de Lélia Gonzalez sobre a constituição da língua portuguesa no Brasil e a maneira como ela é falada, notadamente condensadas naquilo que ela vai chamar de Pretuguês.

Importante intelectual brasileira com uma formação que vai da história à filosofia, passando pela psicanálise, antropologia e sociologia, e ativista dos direitos das mulheres negras, Lélia refletiu sobre seu tempo e desenvolveu conceitos importantes, como o já mencionado Pretuguês, e Amefricanidade. Esses conceitos têm como característica principal marcar a presença e o papel dos negros em nossa cultura, imprimindo e destacando suas contribuições para a formação das sociedades onde se fizeram presentes.

Como Lélia não possui formação no campo das ciências da linguagem especificamente, ao observar sua obra, adotamos como aporte teórico principal a Linguística Popular, a partir de um viés mais alinhado à Análise de Discurso, especificamente a de linha francesa pecheutiana. Nosso olhar se volta aqui especialmente para os comentários e formulações que essa pensadora desenvolveu sobre a língua portuguesa e a linguagem no Brasil, tangenciando também o modo como eles repercutem no campo das ciências da linguagem, buscando mostrar ainda como a Linguística Popular, quando adotada de forma integracionista, pode ser um campo desafiador e provocativo.

Diante disso, este artigo parte da seguinte questão: em que medida as formulações de Lélia Gonzalez sobre o Pretuguês podem ser compreendidas como intervenções de Linguística Popular e que contribuição oferecem para uma leitura racializada da constituição do português brasileiro? O objetivo é analisar excertos da produção de Gonzalez nos quais a autora comenta fenômenos do português brasileiro, compreendendo-os como saberes metalinguísticos produzidos por uma cientista não linguista. Defende-se a hipótese de que o Pretuguês, mais do que uma categoria cultural ou identitária, constitui também uma intervenção sobre a língua, a norma e a autoridade de dizer o que conta como saber linguístico.

O corpus analisado é composto por excertos dos textos de autoria de Lélia Gonzalez ao longo de sua trajetória acadêmica e participações em congressos, reunidos na obra organizada por Rios e Lima (2020) em “*Por um feminismo afro-latino-americano*”(Rios; Lima, 2020). A análise é de natureza qualitativa e interpretativa, voltada à identificação de comentários metalinguísticos, descrições de fenômenos linguísticos e gestos de intervenção sobre os sentidos sociais atribuídos ao português brasileiro.

Uma prosa sobre Linguística Popular

A *Folk Linguistic*, ou Linguística Popular, como é conhecida no Brasil, reúne em seu escopo crenças, opiniões, formulações e teorizações sobre língua e linguagem, proferidas por não-linguistas, por pessoas sem treinamento, “[...] que não têm diplomas em ciências da linguagem e não pertencem a essa comunidade científica [...]” (Paveau, 2020, p. 27). As pesquisas em Linguística Popular, portanto, são aquelas que se debruçam sobre as práticas linguísticas que os não-linguistas desenvolvem. Nesse sentido, é possível abordar essas práticas, em seus variados níveis, a partir de diferentes perspectivas, como as da Linguística Aplicada, da Análise de Discurso e das diferentes vertentes da Linguística, integrando os saberes produzidos por não-linguistas àqueles produzidos no interior da academia.

O reconhecimento desse campo e o fomento de pesquisas que o tome como interlocutor se faz necessário uma vez que ele se destaca como um

articulador potente de saberes, capaz não só de permitir o acesso e a produção a conhecimentos mais abrangentes, reterritorializados e íntegros, como também de recuperar, agregar e promover teorias linguísticas silenciadas ou marginalizadas pelas Ciências da Linguagem moderna, herdeira, primordialmente, da epistemologia europeia. É nesse horizonte que as formulações de Lélia Gonzalez sobre o Pretuguês podem ser relidas não apenas como contribuição ao pensamento social brasileiro, mas como produção de saber linguístico situado fora da linguística profissional.

Considerando o contexto brasileiro de produções no escopo da Linguística Popular, há avanços consideráveis desde o seu início com a publicação do dossiê na revista Fórum Linguístico da UFSC³. O grupo de pesquisadoras e pesquisadores do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais – LEEDIM/ UFSCAR⁴ – tem fomentado amplas discussões e pesquisas acerca da Linguística Popular no/do Brasil e sobre os linguistas populares brasileiros, dentre os quais Lélia Gonzalez se destaca com significativas contribuições.

Paveau (2018, p. 26) propõe uma classificação "por 'coeficiente' decrescente de detenção de um saber linguístico, acompanhada de uma categorização aproximada do tipo de práticas executadas":

Linguistas profissionais, que fornecem descrições linguísticas;

Cientistas não linguistas [...] que propõem descrições linguísticas;

Linguistas amadores [...] que fornecem descrições e prescrições;

Logófilos, glossomaníacos e outros "loucos da língua", [...] que, frequentemente, empreenderam intervenções na língua, fosse por invenção, fosse por deformação;

Preparadores-revisores-redatores que sugerem descrições e prescrições (incluindo correções); Escritores, ensaístas [...] do lado da descrição e da prescrição;

³Dossiê Linguística Popular/ Folk Linguistics, volume 16, número 4, jul./set. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/issue/view/3003>

⁴ <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/293784>

Ludolinguistas (humoristas, imitadores, autores de histórias bobas, autores de jogos sobre as palavras) [...] que fazem descrições-interpretações linguísticas;

Falantes engajados, militantes ou apaixonados, juristas em suas práticas textuais e orais, centrados na descrição e na intervenção;

Falantes comuns que misturam, sem dúvida, os três tipos de práticas. (PAVEAU, 2018, p. 26-27).

Embora aparentemente bem delineadas, Paveau salienta que as categorias propostas não são rígidas e estanques, mas porosas, podendo o linguista popular passar de uma para a outra sem que isso seja demérito. De acordo com essa categorização, as elaborações de Lélia Gonzalez no campo das linguagens a caracterizam como uma cientista não linguista. Fruto de seu ativismo nas causas de gênero e raça, as ideias de Lélia extrapolam as causas libertárias e reverberam no campo da linguística ao propor o conceito de Pretuguês, apontando as contribuições africanas na constituição da língua portuguesa brasileira.

Além da categorização dos linguistas populares, Paveau (2008) identifica três posições a serem adotadas frente aos saberes *folk*: eliminativa, intermediária e integracionista.

Para a teoria eliminativa, a linguística popular não se firma como ciência, dada a sua fragilidade quanto ao seu caráter científico, visto que sua essência é intuitiva, sem respaldo empírico. Já na teoria intermediária, admite-se que os dados da linguística popular são aceitáveis, contudo não servem de sustentáculo para uma teoria da linguagem, dada a sua incompletude. Já na visada integracionista, a linguística popular passa a ser objeto de estudo dos linguistas profissionais. Dessa forma,

[...] os enunciados *folk* não são necessariamente crenças falsas a serem eliminadas da ciência. Constituem, ao contrário, saberes perceptivos, subjetivos e incompletos, a serem integrados aos dados científicos da linguística. (PAVEAU, 2018 [2008]).

Paveau (2008/2018, p. 23) também propõe uma tipologia para o trabalho com a linguística popular que consiste em três práticas: descritiva, prescritiva e intervencionista. Essas práticas permitem observar que os saberes populares sobre a língua não se limitam à emissão de opiniões espontâneas. Eles podem descrever usos, prescrever formas consideradas legítimas ou ilegítimas e, sobretudo, intervir nas disputas sociais em torno da língua. No caso de Lélia Gonzalez, interessa-nos mostrar que suas formulações sobre o Pretuguês combinam descrição e intervenção: descrevem traços do português brasileiro e, simultaneamente, deslocam esses traços da categoria de erro para a categoria de memória africana inscrita na língua.

Lélia Gonzalez, mulher, intelectual e ativista – um dedo de prosa

Lélia Gonzalez foi uma figura fundamental na intelectualidade e no ativismo social brasileiro, sendo uma pioneira na intersecção dos estudos de raça e gênero. Nascida em 1º de fevereiro de 1935, em Belo Horizonte, Minas Gerais, Lélia cresceu em um contexto social marcado por desafios e oportunidades limitadas para pessoas negras e mulheres. Formou-se em História e Filosofia pela Universidade do Estado da Guanabara, atualmente Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde desenvolveu uma base sólida para sua carreira acadêmica e ativista.

Sua contribuição ao campo das Ciências Humanas e Sociais é vastamente reconhecida por seu trabalho inovador nas áreas de estudos de gênero, raça e etnicidade. Lélia Gonzalez foi uma das primeiras a explorar de forma abrangente a noção de “amefricanidade” — um conceito que ela criou para descrever e analisar a condição dos negros na América Latina, destacando as especificidades culturais e sociais da experiência afro-latina. Esse conceito reflete a complexidade da identidade negra na região e propõe uma perspectiva crítica para entender a intersecção entre racismo, colonialismo e cultura.

Além de seu trabalho acadêmico, Lélia Gonzalez teve um papel ativo em movimentos sociais e políticos, sendo uma das vozes mais proeminentes no feminismo afro-latino-americano. Ela abordou questões de desigualdade racial

e de gênero com uma abordagem profundamente crítica e inovadora, desafiando normas estabelecidas e promovendo a visibilidade das questões afro-brasileiras e afro-latino-americanas.

Entre suas obras mais influentes estão “Lugar de Negro” e “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano”. A primeira é uma coletânea de textos e conferências que oferece uma análise crítica do papel dos negros na sociedade brasileira e na sociedade latino-americana, enquanto “Por um Feminismo Afro-Latino-Americano” explora as questões específicas enfrentadas por mulheres negras na América Latina, ampliando a compreensão sobre feminismo e antirracismo. Esses textos são essenciais para a compreensão do pensamento antirracista e feminista no Brasil e além.

Angela Davis, ícone do feminismo negro norte-americano, ao visitar o Brasil em 2019, num forte indicativo de que os brasileiros precisam reconhecer mais a sua própria pensadora, chamou a atenção sobre a relevância de Lélia ao dizer “Por que vocês precisam buscar uma referência nos Estados Unidos? Eu aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês comigo.”⁵

De acordo com Flávia Rios e Márcia Lima, sua produção se destaca e tem sido absorvida a partir de três abordagens principais, essenciais para este trabalho, uma vez que vão se manifestar e constituir a noção de Pretuguês. Em primeiro lugar, a abordagem decolonial, por meio da crítica ao viés eurocêntrico das ciências sociais e do feminismo ocidental e à colonialidade epistêmica. Em segundo lugar, a abordagem interseccional, envolvendo as dimensões da dominação sexual, de classe e de raça articuladas nas formas de opressão e hierarquização racial, bem como na formação de identidade de afirmação coletiva. Por fim, a abordagem psicanalítica, incorporada às suas reflexões, sobretudo no que diz respeito ao aspecto cultural da dominação e da subversão, em particular por meio da linguagem. (Rios; Lima, 2020, p. 12)

Além de sua atuação acadêmica e ativista, Lélia Gonzalez contribuiu para o desenvolvimento do Movimento Negro no Brasil, promovendo a igualdade racial e os direitos das mulheres negras. Sua atuação foi marcada

⁵ Trecho do vídeo disponível em <https://www.instagram.com/p/DLIAFbqyqBJ/>

pelo compromisso com a justiça social e pela promoção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Lélia Gonzalez faleceu em 10 de julho de 1994, mas seu legado perdura. Seus escritos e sua atuação continuam a influenciar e inspirar ativistas, acadêmicos e pessoas ao redor do mundo que lutam pela justiça social e pela igualdade de gênero e raça. Seu trabalho permanece um marco fundamental na luta contra o racismo, na promoção de um feminismo interseccional e inclusivo e na produção de conhecimento em diferentes áreas.

Lélia Gonzalez, a linguista popular – dois dedos de prosa

Tomando a tipologia proposta por Paveau em que classifica os linguistas populares de acordo com o coeficiente decrescente de detenção de um saber linguístico e acompanhada de uma categorização aproximada do tipo de práticas executadas, constatamos que Lélia Gonzalez se enquadra na categoria de cientistas não linguistas. Com o conhecimento que a academia lhe proporcionou, aliado aos saberes adquiridos pela militância no Movimento Negro Unificado e feminista, bem como sua própria concepção de vida, Lélia Gonzalez prestou valiosas contribuições no campo da linguagem, mesmo não sendo linguista de formação.

Cabe dizer que a sua posição de filósofa, antropóloga, professora e militante não lhe poupou do duplo apagamento enquanto mulher e negra. Embora Lélia tenha produzido diversos textos, participado de vários eventos nas áreas em que atuava, ainda hoje seu nome e suas obras no meio acadêmico soam como novidade, tamanho apagamento a que foi relegada. Ainda hoje, seu legado é desconhecido por boa parte dos linguistas brasileiros, embora tenha prestado contribuições irrefutáveis para o estudo da língua falada no Brasil, o português, nos termos de Lélia, o Pretuguês.

Em seu artigo “A Categoria Político-Cultural de Amefricanidade”, Lélia Gonzalez retoma a ideia de Bety Milan desenvolvida por M.D. Magno, psicólogo e psicanalista brasileiro, de que o Brasil

[...] não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é

uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o ‘t’ pelo ‘d’ para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: Améfrica Ladina de sorte que somos “Ladinoamefricanos”. (Rios; Lima, 2020, p.127) Seguindo pela via proposta por M. D. Magno, que retoma de Lacan o conceito de raça como “repetição discursiva”, Lélia segue sua proposição refletindo sobre a presença negra na região caribenha que modificou o espanhol, o inglês e o francês falados por lá.

Nesse percurso, a amefricanidade funciona como categoria histórico-cultural ampla, enquanto o Pretuguês pode ser compreendido como sua dimensão linguística: a língua aparece como lugar de inscrição da presença africana e, ao mesmo tempo, como espaço de disputa contra o apagamento produzido pela ideologia do branqueamento.

Na mesma direção, a autora denomina o português brasileiro como Pretuguês ancorada nas marcas de africanização presentes no falar cotidiano:

Engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram a presença desse r no lugar do l, nada mais é que a marca linguística de um idioma africano no qual o l inexistente. Afinal, quem é o ignorante? Ao mesmo tempo, acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa você em cê, está em tá e por aí fora. Não sacam que tão falando pretuguês (GONZALEZ, 1983, p.238).

Reafirmando a categorização de Lélia Gonzalez como linguista popular, cientista não linguista, temos nesse trecho a exemplificação de pelo menos quatro fenômenos linguísticos: 1. Rotacismo em //l. (Flamengo/Framengo), muito comum nos dias de hoje e abundante nos falares de várias populações regionais com contribuição expressiva de povos africanos na sua constituição; 2. Apagamento do r final nas formas verbais no infinitivo; 3. Redução do pronome de tratamento utilizado como pronome pessoal (Você/Cê); 4. A redução do paradigma verbal (Está/Tá).

O trecho permite reafirmar a categorização de Gonzalez como cientista não linguista, pois nele a autora identifica e interpreta fenômenos do português brasileiro, tais como o rotacismo em “Framengo”, o apagamento do /r/ final em

formas verbais no infinitivo, a redução de “você” a “cê” e a redução de “está” a “tá”. No entanto, sua intervenção não se limita à descrição desses fenômenos. Ao perguntar “afinal, quem é o ignorante?”, Gonzalez inverte a lógica da correção normativa: ignorante não seria o falante que diz “Framengo”, mas aquele que, ao classificar essa forma como erro, apaga a historicidade africana inscrita na língua.

Falando de objeto parcial sob a ótica freudiana,

[...] o objeto parcial por excelência da nossa cultura: a bunda. Recorrendo ao “Aurélio”, pode-se constatar que essa palavra se inscreve no vocabulário de uma língua africana, o quimbundo (mbunda), que muito influenciou os nossos falares. Além disso, vale ressaltar que os bundos constituem uma etnia banto de Angola que, além do supracitado quimbundo, falam outras duas línguas: bunda e ambundo. Se se atenta para o fato que a Luanda foi um dos maiores portos de exportação de escravos para a América. [...] note-se que o termo deu origem a muitos outros em nosso “pretuguês”. (Rios; Lima, 2020, p.128, 129)

No excelente artigo apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da Associação Brasileira de Pós-graduação e Pesquisa nas Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980, intitulado “Para compreender a “América” e o “Pretuguês””, (Gonzalez, 1980), Lélia Gonzalez discorre acerca da contribuição da mulher negra para a constituição do Brasil, tanto em aspectos sociais, econômicos, culturais como linguísticos. Das funções sociais exercidas por essas mulheres no tempo da escravidão, a autora destaca duas: a de mucama e a ama, (mãe preta, bá). O termo mucama, segundo o Aurélio, provém do quimbundo e designa a escrava negra moça e de estimação que era acolhida para auxiliar nos serviços caseiros ou acompanhar pessoas da família e que, por vezes, era ama-de-leite. A mucama era o alvo das investidas sexuais dos senhores brancos. A ama, ou a bá, mãe preta, é a mãe, a que cuida dos rebentos dos senhores brancos, quem amamenta, acalenta, faz-lhe a higiene, e que, por conseguinte, conta-lhes história, repassa suas crenças, valores e costumes, e lhes ensina a falar o Pretuguês. E é nessa função

materna, de socialização da criança, que a mãe preta repassa uma porção de elementos culturais africanos que vão se imprimir na língua e na linguagem.

Para Lélia, esse processo de socialização requer uma ancoragem cultural que no caso da mãe preta só era possível a partir de seu referencial ancestral africano. Assim, nesse processo,

Ela passa para o inconsciente cultural brasileiro uma negritude que a gente nem sabe que existe. E [...] a prova mais patente disso a meu ver é o fato de que no Brasil ela africanizou o Português [...] Ela passa para o inconsciente cultural brasileiro uma negritude que a gente nem sabe que existe. E [...] a prova mais patente disso a meu ver é o fato de que no Brasil ela africanizou o Português [...] Veja por exemplo que no Brasil nós não temos o mesmo sotaque do presidente Mário Soares [...]. Essa rítmica, essa musicalidade que o português tem e que o português de Portugal não tem foi trazida pelos falares africanos. (Gonzalez, 1988)

Nesse sentido, a mãe preta não aparece apenas como figura social da história escravista, mas como sujeito fundamental de transmissão linguística e cultural, por meio do qual o português brasileiro se constitui atravessado por línguas, ritmos, formas de nomeação e modos de subjetivação de matriz africana.

A noção de Pretuguês, portanto, é formada a partir de um ponto de vista específico, que coloca a língua em análise sob uma ótica interseccional, ao incluir perspectivas de raça e gênero em sua constituição. A visão de Lélia sobre a língua que falamos hoje no Brasil expõe um quadro complexo que coloca em cena a própria forma como compreendemos a formação do português brasileiro e o quanto e como consideramos a influência africana nessa formação. Sua formulação sobre o português nos soa como uma análise do discurso adotado sobre essa formação. Não se trata apenas de uma análise da língua como estrutura e da explicação estritamente linguística de um fenômeno, mas da compreensão dessa formação como uma verdadeira domesticação da língua pelos africanos. trata-se de uma artimanha que impôs e inscreveu a africanidade no modo como falamos e, por consequência, na vida dos brasileiros.

O escravo, ele tinha várias obrigações, uma delas é entender o idioma do senhor, a outra, a religião, e a outra ser obediente [...]. Debaixo dessa tríplice opressão, neguinho fazia aí as suas estratégias de sobrevivência, de acomodação e de resistência, e me parece que a mãe preta, nesse sentido, deu um troco extraordinário. Por isso é que essa rítmica falada no Brasil, nós devemos [...] às africanas (Gonzalez, 1988).

Retomando a discussão acerca da categoria político- cultural de amefricanidade, podemos afirmar que as marcas de africanização estão latentes em diferentes elementos de nossa cultura e identidade, nas mais diversas formas, mas continuam encobertas pelo véu ideológico do branqueamento, reduzindo tudo que seja de contribuição africana à classificação de “cultura popular”, “folclore nacional”. Aqui tomamos emprestado a declaração de uma bailarina cubana negra citada de forma anônima por Lélia no prefácio a *Cadernos Negros* ao citar a fala de uma bailarina cubana negra não nomeada: Nós somos o folclore e eles são a cultura. (Gonzalez, 1982).

No tópico em que Lélia faz reflexões acerca da amefricanidade, ela lança na roda do debate a concepção do que é ser América e, conseqüentemente, o que é ser americano, designações comumente atribuídas apenas aos Estados Unidos e aos estadunidenses, excluindo todos os demais povos deste continente. Em uma reflexão também marcadamente linguística, a autora relembra a resistência da coletividade negra dos Estados Unidos ao rejeitar ou aceitar uma série de tentativas de designações para autoidentificação, como “colored”, “black”. Ainda de acordo com Lélia, foram os termos “Afro-American” e “African-American” que lhe fez pensar na proposta de um termo que designasse não apenas os negros dos Estados Unidos, uma vez que o termo americano remete apenas aos Estados Unidos, como propunham esses dois termos, mas um que designasse todos os negros da América (Sul, Central, Norte e Insular): “Amefricanos” (Amefricans). Amefricanos do Brasil, do Haiti, da República Dominicana, dos Estados Unidos, e por aí vai.

Para além de seu caráter puramente geográfico, a categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação, e criação de novas formas) que é afrocentrada [...] no sentido da construção de uma identidade étnica. (Rios; Lima, 2020, p.135)

E, por fim, tomando de empréstimo em segunda mão de Molefi Kete Asante, que diz que “toda linguagem é epistêmica. Nossa linguagem deve contribuir para o entendimento da nossa realidade. Uma linguagem revolucionária não deve embriagar, não pode levar à confusão” (Asante apud Gonzalez, 2020, p. 136).

Efeito de fim

Para além de comprovar as origens dos termos e certificar as afirmações de Gonzalez sobre o Pretuguês, ou seja, sobre as contribuições de línguas africanas na formação do português brasileiro por ela indicadas, é preciso compreendermos como elas se constituíram e o que fazem significar para a compreensão de nossa língua e de nossos próprios posicionamentos dentro nosso campo de estudos. Na vanguarda do movimento pelos direitos das negras e atuando em outras frentes concomitantemente, dentro da sua área de atuação, a cientista Lélia Gonzalez precisou transpor obstáculos, tanto os impostos pela sua condição de mulher e mulher negra, como por ser cientista ‘amefricana’, sem o *status* dos seus pares masculinos oriundos de países emergentes.

Ao analisar uma situação em que Marcos Bagno questiona uma menção ao trabalho de Lélia em um de seus livros, Guilherme Nascimento (2025) aponta que para Bagno

[...] os exemplos de Lélia González (1988) para se referir a um Pretuguês, isto é, um português negro ou com contribuições africanas, não eram bons porque se referiam a fatos linguísticos existentes em diversas línguas, inclusive europeias, o que não justificaria a evidência de que aqueles fenômenos linguísticos confirmassem o Pretuguês. (Nascimento, 2025, p. 35)

A questão se deu em torno do exemplo de Lélia em relação à palavra flamengo/framengo, fenômeno que para Bagno, à época, se justifica por estar presente em várias línguas, inclusive na passagem do latim para o português. Nascimento admite a pertinência do argumento do colega, mas evidencia um problema

Não existem fenômenos universais sem que a ocorrência local resulte de um processo social, em que as mudanças linguísticas ocorram por causa da presença marcante dos indivíduos, dos fatores semiótico-linguísticos e discursivos de um povo naquele tempo-espaço etc. Isso se deu no Brasil. [...] Esse é o ponto chave [...] embora seja um fenômeno sociolinguístico presente em outras formas de mudança linguística mundo afora, aqui é influenciado pela comunidade negra e, por isso, é uma forma de Pretuguês. [...] Assim, o que evidencia o Pretuguês não é o fenômeno linguístico exclusivo de cada comunidade, mas a comunidade linguística negra (ou, melhor dizendo, comunidades linguísticas), suas histórias e seus usos, contribuindo para a mudança sociolinguística no português, inclusive na retomada de fenômenos linguísticos existentes em outras línguas e comunidades. (Nascimento, 2025, p. 36)

A discussão desse questionamento é importante porque muitas vezes as contribuições de Lélia no nível da linguagem recaem sobre esse exemplo especificamente. No entanto, como tentamos apontar aqui, elas vão muito além disso.

Suas afirmações acerca do Pretuguês, extrapolam seu domínio de atuação acadêmica e vai reverberar no campo da Linguística e ainda hoje, depois de um tempo considerável, conquista atenção dos estudiosos do campo. Para a Linguística Popular, numa visada integracionista das ideias populares, na esteira de Paveau, as proposições de Gonzalez são bem-vindas no sentido de instigar a discussão para uma reparação linguística e étnica de uma amefricanidade pouco compreendida e muito desprezada.

A Linguística Popular nos permite não apenas voltarmos a atenção para formulações como a de Lélia, procurando compreender como foram constituídas, mas também refletir como reverberam na sociedade, e como podem impactar nosso próprio campo de estudos. Considerando a ampla formação de Gonzalez, não podemos ignorar que, ao enunciar o Pretuguês, ela coloca em cena um gesto de interpretação que lança luz sobre um quadro teórico estabelecido.

Nada do que ela diz é sem sentido, mas o esforço, na ampla maioria

das vezes, está em desqualificar suas justificativas refutando seus argumentos a partir de conceitos tidos como estáveis e irrefutáveis. Não se trata de desconsiderar completamente o que ela formula, mas de não admitir que o conhecimento que ela traz, não foi amplamente considerado na elaboração desses próprios paradigmas e que isso pode gerar discussões extremamente relevantes.

Ao instaurar o Pretuguês, ela se inscreve, nos termos de Antônio Bispo dos Santos (2023), em uma guerra de denominações, enfraquecendo um termo colonial, o português, por meio da potencialização de um termo contracolonial, o Pretuguês. Mais do que explicar fenômenos linguísticos isolados, Lélia concatena uma série de conhecimentos, psicanálise, história, antropologia, extremamente relevantes para os estudos linguísticos e do discurso, e impregna a nossa língua de história e resistência.

Pelo viés da Linguística Popular, a partir da abordagem integracionista, cabe a nós compreender esse movimento, destrinchá-lo e incorporá-lo e não julgá-lo como erro, ignorá-lo ou (re)colocá-lo à margem do que é academicamente estabelecido. É disso que se trata a Linguística Popular que almejamos praticar. É preciso portanto compreender que o Pretuguês é mais do que sobre a categorização de um fenômeno como rotacismo, é mais do que sobre a influência de uma língua sobre a outra. Ele exprime o peso de nossa história sobre essa língua e expõe também a reprodução de padrões colonialistas nas ciências. Ele faz emergir, em diversas reações, um discurso dominante adotado sobre a língua que não considerou os elementos que Lélia expôs e que por isso a desqualifica.

Esse elemento de reação no campo da Linguística Popular também nos chama bastante a atenção. Ao integrar um conhecimento externo, produzido fora da academia, para compreender fenômenos linguísticos, algo na ordem do estabelecido parece se deslocar, provocando reações como a relatada em Nascimento (2025).

Ancoradas em Latour (1994), e também em Paveau (2020), podemos afirmar que a abordagem integracionista, embora se utilize do binarismo científico x popular para se situar, trabalha, metodologicamente, no limite de

sua extinção. O apagamento desse binômio funciona como método de compreensão da linguagem em uma perspectiva pluriepistêmica, e nesse sentido, algo muito importante é abalado: as certezas modernas por trás de nossas ciências. Colocações como as de Lélia, na perspectiva da Linguística adotada por nós, ameaçam desestabilizar o quadro purificado que acreditamos existir entre o que é e o que não é conhecimento, o que pode e o que não pode ser levado a sério. No entanto, o nível das proposições de uma pensadora da estirpe de Lélia faz com que a ciência purificada se abra em falhas.

O mais importante e talvez ainda pouco discutido no âmbito da Linguística Popular seja sua capacidade de provocar esse tipo de debate. É isso que o Pretuguês representa e é essa contribuição, com todo o desconforto que ela pode trazer, que buscamos também destacar aqui. Assim, reler Lélia Gonzalez a partir da Linguística Popular permite não apenas ampliar o reconhecimento de sua contribuição para os estudos da linguagem, mas também racializar e descolonizar os modos de pensar a constituição do português brasileiro.

Referências

GONZALEZ, Lélia. Para compreender a “América” e o “pretuguês”. *In*: Reunião do Grupo de Trabalho “Temas e Problemas da População Negra no Brasil”, IV Encontro Anual da ANPOCS, Rio de Janeiro, 31 de outubro de 1980.

GONZALEZ, Lélia. Prefácio a Cadernos Negros 5. *In*: **Cadernos Negros**: os melhores poemas. São Paulo: Quilombhoje, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In*: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (org.). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 29-47.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 376 p.

GONZALEZ, Lélia. Entrevista cedida a Carlos Lobo. Núcleo de Memória Audiovisual da UFRJ. Mai. 1988. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=T9C942D3EUI>. Acesso em: 07 mai. 2026.

LATOURET, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Editora 34, 1994.

NASCIMENTO, Gabriel. O perigo de uma linguística única. **Entretextos**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 29–53, 2025. DOI: 10.5433/1519-5392.2025v25n1p29-53. Disponível em:
<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/51879>. Acesso em: 20 ago. 2025.

PAVEAU, Marie-Anne. Não linguistas fazem linguística? Uma abordagem antieliminativa das ideias populares. **Revista Policromias**. Volume 03, número 02, 2018 [2008]. Link de acesso
<https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/21267>.

PAVEAU, Marie-Anne, « La linguistique hors d'elle-même. Vers une postlinguistique », **Les Carnets du Cediscor** [En ligne], 14 | 2018, mis en ligne le 22 novembre 2018, consulté le 09 octobre 2024. URL
: <http://journals.openedition.org/cediscor/1478> ; DOI :
<https://doi.org/10.4000/cediscor.1478>

RIOS, F. LIMA, M. (orgs). **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. São Paulo: Editora Zahar, 2020.

SANTOS, A. B. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu editora/PISEAGRAMA, 2023.

Recebido em: 16-05-2026

Aprovado em: 01-06-2026